

# COLÔMBIA, EXPORTADORA DE INSEGURANÇA

ÉRICA WAYLA OLIVEIRA ARAÚJO\*

LIA SARAIVA SILVEIRA\*\*

## *Introdução*

As primeiras explorações na região por parte dos espanhóis aconteceram em 1499. Bogotá tornou-se a capital do Vice-Reino de Nova Granada em 1718, que na época ainda abrangia os países que atualmente são Venezuela, Equador e Panamá.

Com as crises institucionais na [Espanha](#), por volta de 1808, começaram movimentos pela libertação das colônias espanholas nas Américas. Em 20 de Julho de 1810, acontece a primeira tentativa de proclamação da independência na Colômbia.

Uma longa guerra pela independência liderada pelo General Santander e [Simón Bolívar](#), que posteriormente se tornaria o primeiro presidente do país, terminou em 7 de Agosto de 1819, após a famosa [Batalha de Boyaca](#)(1810-1819). Neste ano o [Congresso](#) fundou a República da [Grã-Colômbia](#), sendo Portugal o primeiro país a reconhecer sua independência. Pouco depois, houve falta de consenso entre movimentos federalistas e unionistas. Após vitórias dos primeiros, Venezuela e Equador se separam do país e se transformaram em duas repúblicas independentes.

Com autonomia e independência, a Colômbia viveu anos conturbados, vítima de sucessivas revoluções. Um dado curioso à respeito da história política da Colômbia é que o país apresenta um caso único na América Latina, seus partidos (Conservador e Liberal) fundados no século 19 ainda dominam o sistema político e eleitoral do país, caracterizando o monopólio bipartidário.

Outra questão muito presente na história colombiana é a existência das guerrilhas, liderada pelas Forças Armadas Reacionárias da Colômbia (FARC) e das milícias paramilitares, como a Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), que controlam a rota de narcotráfico e estão em constante combate entre si.

A guerrilha deixou para trás os ideais pelos quais foi criada, baseados nos pressupostos marxistas e socialistas, deixando de lutar para obter poder político para se tornar uma milícia protetora do mercado da cocaína.

## *Partido Liberal e Partido Conservador*

Estes partidos disputam a liderança política da Colômbia desde 1849, época de sua criação. O partido liberal governou o país de 1861 a 1885, enquanto exerciam o poder, a Igreja, que sempre

---

\* Acadêmica de Relações Internacionais da UFRR

\*\* Acadêmica de Relações Internacionais da UFRR

possuía forte influência na política, foi desvinculada do Estado. Em 1885, os conservadores chegam ao poder e com isso a Igreja volta a ter influência.

As disputas entre esses partidos ocasionaram diversos conflitos que marcaram profundamente a história da Colômbia. O exemplo mais claro disso é a Guerra dos Mil Dias[1], que ocorreu na transição do século XIX para o século XX e causou mais de 120 mil mortes. Nesse mesmo período, Estados Unidos e França influenciaram o Panamá a tornar-se independente.

Mesmo com o passar do tempo, não houve trégua entre os partidos, a exemplo disso, destaca-se o fenômeno *La violencia*, que teve início em 1948 com a tentativa de Gaitán, líder liberal, mobilizar as classes minoritárias em um sentido antioligárquico, logo, os dirigentes políticos receosos de que surgisse um populismo colombiano que denunciasse as disparidades entre o discurso político e a realidade.

Em 9 de abril de 1948, o assassinato de Gaitán levou às ruas centenas de partidários exaltados que tingiram Bogotá de sangue, é então que surge a *violência*[2], onde a polícia liberal une-se aos revoltos. Para fomentar as alterações, o Exército é forçado a intervir, juntamente com os conservadores, aproximando-se assim do poder.

Diferentemente dos demais países da América Latina, o período de ditadura militar não foi tão expressivo, pois durou apenas quatro anos (1953 - 1957). Com a queda do governo ditatorial houve uma espécie de conciliação oligárquica, onde foi criada a *Frente Nacional*, na qual seria possível a alternância de poder entre os partidos, além da garantia de paridade legislativa. Esse período ficou conhecido como “responsabilidade compartilhada”.

Apesar de ter dirimido a violência entre as bases dos partidos[3], este expediente acarretou a depreciação do voto, isto conduziu aos mais altos índices de abstenção eleitoral do continente, situação essa que se prolongou por 16 anos, até 1974.

### ***A Militarização como válvula de escape***

O sistema de condomínio político da Colômbia não possibilitou a criação de um partido engajado com questões voltadas e lideradas pelas massas, fato que contribuiu para o florescimento e a multiplicação de frentes guerrilheiras, como uma forma de opção de governo, obtendo assim espaço para reivindicar a busca por liberdade.

Os movimentos guerrilheiros mais atuantes são facções de esquerda originárias do Partido Comunista da Colômbia (PCC), como o Exército Popular de Libertação (EPL, 1963), As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC, 1964) e o Exército de Libertação Nacional (ELN, 1965).[4]

Inspirado na revolução cubana o *Exército de Libertação Nacional* teve origem no meio

universitário, dispõe de um efetivo militar menos que o das FARC. Atuam em 41 frentes e 8 comandos urbanos, onde não haja domínio das FARC.[5]

*As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia* são o maior e mais influente movimento de guerrilha do país. Sua origem está ligada as disputas entre setores conservadores e liberais, em 1964, temendo a expansão da guerrilha camponesa, os liberais e os conservadores se unem para mitigar o movimento. Os camponeses remanescentes, fugiram para as regiões montanhosas da Selva, onde foi fundada as FARC por Pedro Antonio Marín, o Tirofijo[6], como um aparato militar do Partido Comunista Colombiano.

É uma organização de inspiração **comunista**, autoproclamada guerrilha revolucionária marxista-leninista, que opera mediante uso de métodos **terroristas** e de táticas de **guerrilha**, além de lutar pela implantação do **socialismo** na Colômbia. Detém um grande arsenal de armamentos sofisticados com efetivo militar de porte significativo, estimado em 12 mil combatentes.

Antes vistas como uma forma de esperança para o fim do absolutismo político, até então vigente, as guerrilhas cada vez mais armadas causaram várias ondas de violências e corrupção, debilitando a sua imagem de opção de governo perante a sociedade civil.

### ***Narcotráfico e as FARC***

Na década de 80 a Colômbia se tornou o principal fornecedora de cocaína do mundo. Com o envolvimento das FARC com as drogas, houve a sua separação formal com o Partido Comunista, formulando então uma nova estrutura política, denominada Partido Comunista Clandestino, porém a sua força ideológica já não era mais a força motriz do seu engajamento político.

Devido o seu envolvimento com o narcotráfico, as FARC se apresentam como uma multinacional do crime envolvida com o crime organizado, sequestro de civis, tortura, prostituição, jogos de azar, lavagem de dinheiro, extorção, proteção a redes criminosas e apoio logístico internacional para a comercialização do produto e das atividades ilegais. É uma organização considerada como terrorista pelo governo da Colômbia e por mais 30 países.[7]

As FARC controlam a maior parte do refino e distribuição de **cocaína** dentro da Colômbia, sendo responsável por boa parte do suprimento mundial de cocaína e pelo tráfico dessa droga para os Estados Unidos.

Na tentativa de controlar e combater o tráfico de cocaína na região e com o propósito de desestruturar as guerrilhas de esquerda e os grupos paramilitares, os Estados Unidos criaram o Plano Colômbia, voltado ainda para outras quatro vertentes: econômica, financeiro-fiscal, o fortalecimento do estado de direito e proteção dos direitos humanos.

Para o benefício norte-americano, o projeto aumenta a presença estadunidense em uma área

de grande interesse geopolítico, por sua posição estratégica e sua riqueza em recursos energéticos (petróleo, gás, carvão) e minerais além de salvaguardar os interesses de suas corporações no petróleo da região, o que gerou grande desconfiança por parte de todos os atores envolvidos no processo das reais intenções do plano de ajuda.

### ***Milícias Paramilitares***

São grupos formados por ex-oficiais e ex-policiais a serviço de grandes latifundiários e de outros participantes da elite nacional. Contam com a simpatia de setores das Forças Armadas colombianas, que os têm como uma força auxiliar informal na luta anti-guerrilheira. Atribui-se a eles a maioria das mortes por encomenda que tem ocorrido no país.

O maior e principal grupo paramilitar de direita da Colômbia é o movimento denominado *Autodefesas Unidas de Colombia (AUC)*. A organização foi criada em 1997 com o objetivo de combater os guerrilheiros de inspiração marxista da Colômbia, representados pelas *Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)* e pelo *Exército de Libertação Nacional da Colômbia (ELN)*. Acredita-se que integrantes das organizações paramilitares fizeram parte dos grupos armados dos antigos grandes cartéis de tráfico de drogas.

A milícia é acusada de executar civis simpatizantes das guerrilhas e assim como as FARC, as AUC são consideradas um grupo terrorista pelo governo dos Estados Unidos, que acusa o envolvimento da organização com o tráfico de drogas e com abusos contra os direitos humanos.

Apesar dos episódios de conflito, desde 2002 os paramilitares anunciaram cessar-fogo e disposição de negociar a paz com o governo e em 2003 houve vários gestos de lado a lado para desmobilizar seus combatentes.[\[8\]](#)

### ***Tentativa de mediação e a Visão do outro***

Para alguns países a Colômbia é vista como um “país problema”, sendo considerada uma ameaça e um motivo de desestabilização na América do Sul. Com a chegada do governo de Álvaro Uribe (fevereiro de 2002), foi retomada a tentativa de recuperar o poder estatal, colocando as Forças Armadas e de segurança contra as estruturas do crime organizado, mas essa confrontação enfraquece as já debilitadas estruturas democráticas, sem falar da capacidade operacional dos dispositivos de defesa e segurança.[\[9\]](#)

A uma posição de abstenção entre os países da América do Sul a que providências devem ser tomadas em relação a situação caótica da Colômbia. Quase todos os países vizinhos da Colômbia negam-se a reconhecer os grupos guerrilheiros e paramilitares como organizações terroristas. Esse

fenômeno pode ser explicado porque sabe-se que com o terrorismo não se negocia e se esses grupos guerrilheiros declaram-se terroristas, acaba-se a negociação.

A atitude diplomática do Brasil é a de apoiar veementemente a postura do governo colombiano, mantendo o distanciamento necessário e não intervindo nos assuntos internos do país

*“Uma presença direta do Brasil na questão colombiana, durante os últimos anos, teria custos concentrados e benefícios muito intangíveis, na medida em que não haveria interesses nacionais vitais em jogo. Por outro lado, um distanciamento relativo agora preservaria o Brasil para ajudar em um momento posterior, em caso de retomada das negociações de paz em novos moldes”*[\[10\]](#)

Nenhum país da América Latina se propõe a solucionar o embate entre as organizações criminosas e o governo colombiano. Logo os países responsáveis pela arbitragem do caso seriam os Estados Unidos e a União Européia, como alega o jornal latino-americano *La Nación*. Dessa forma, ficaria a cargo do Brasil o papel de mediador.

“*Sola o acompañada?*” É o que indagou o então presidente uruguaio J. Sanguinetti em artigo (*El País*, 23/08/2003). Questionando se o problema colombiano é de âmbito doméstico ou regional. Caso a tentativa de uma solução pacífica através de meios diplomáticos não surtisse efeito positivo à questão seria necessário a formação de uma coalização militar sul-americana para intervir no conflito. Ressaltando que para os militares brasileiros a possibilidade de envolvimento direto no conflito é uma hipótese descartada.

### **Conclusão**

O militarismo é um fenômeno intrínseco à evolução da história da política colombiana, contudo através das FARC e das milícias paramilitares houve uma deturpação do seu viés ideológico, transformando-o em um aparato que garante a segurança das multinacionais do crime organizado.

Ao relembrar a história de luta e a tentativa do estabelecimento de um partido voltado para as massas, não é possível identificar tal característica nas ações das FARC atualmente, visto que sua orientação política se esvaiu e se sustenta através apenas no *narcoterrorismo*, conseqüentemente está perdendo a sua força e comporta guerrilheiros sem moral, decompondo-se internamente.

As tentativas de libertar a Colômbia das amarras da política bipartidarista foram frustradas e acabaram aprisionando-a a uma constante sensação de medo, logo transformando a Colômbia em

uma “exportadora de insegurança” [11].

### ***Bibliografia:***

Os Países da Comunidade Andina / Heloisa Vilhena de Araújo, organizadora. – Brasília: Fundação Alexandre Gusmão: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. – Volume 1 – 2004. BRIGAGÃO, Clóvis. *Evolução da Política Interna e Externa da Colômbia*. Pag 249 – 267.

PROCÓPIO Filho, Argemiro e Vaz, Alcides Costa. *O Brasil no contexto do narcotráfico internacional*. *Revista brasileira de Política Internacional*, Jun 1997, vol.40, n.º. 1, p.75-122.

Procópio Filho, Argemiro. *Destino Amazônico: devastação nos oito países da Hiléia*/Argemiro Procópio. – São Paulo: Hucitec, 2005.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez, *Os primórdios da guerra do narcotráfico na Colômbia*, Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Instituto Brasileiro de Filosofia.

ROUQUIÉ, Alain. *O Estado Militar na América Latina*. Editora Alfa – Omega. São Paulo, 1984.

SANTANA, Adalberto. *A globalização do narcotráfico*. *Revista brasileira de Política Internacional*, Dez 1999, vol.42, n.2, p.99-116.

VILLA, Rafael Duarte, OSTOS, Maria Del Pilar. *As relações Colômbia, países vizinhos e Estados Unidos: visões em torno da agenda de segurança*.

---

[1] “O início da Guerra dos Mil Dias coincidiu com a queda dos preços do café e com a conseqüente depressão econômica e diminuição dos recursos do governo” (Benthell)

[2] “Alguns acreditam que esse expediente serviu para arrancar qualquer consciência política de classe das camadas inferiores da população colombiana” (Costa Pinto – Classe, partido, poder: El caso colombiano)

[3] Os conflitos entre liberais e conservadores só existiam em suas bases, pois a relação entre as cúpulas dos mesmos era entendida como uma conversa de *gentlemen*.

[4] Clóvis Brigagão, *Evolução da política interna e externa da Colômbia*, extraído de Os Países da Comunidade Andina – Volume 1 – 2004.

[5] Ibid.

[6] Tiro Certo, em tradução literal.

[7] Estados Unidos, Canadá e União Européia.

[8] Clovis Brigagão. Op.cit pag. 257.

[9] Ibid. pag. 260.

[10] Marco Cepik, *A política externa de Lula: desafios do primeiro ano e a questão colombiana*

[11] Carlos Malamud, El conflicto colombiano y las amenazas a la seguridad regional. 2003. Pag.3